

ASSUMIR? POR QUÊ? O DISPOSITIVO DE CONFISSÃO DAS HOMOSSEXUALIDADES NO BRASIL NAS PÁGINAS DO JORNAL *LAMPIÃO DA ESQUINA* (1978-1981)

COMING OUT? WHY? THE DISPOSITIVE OF CONFESSION OF HOMOSEXUALITIES IN BRAZIL IN THE PAGES OF THE NEWSPAPER *LAMPIÃO DA ESQUINA* (1978-1981)

Paulo Souto Maior¹

Endereço Profissional: UFRN. Campus Universitário Lagoa Nova, Centro de Educação, sala 07,
Cep. 59078-970
Natal – RN, Brasil

Email: paulosoutom@gmail.com

Resumo: Este texto analisa a emergência do dispositivo de confissão das homossexualidades no Brasil, recorrendo ao *Lampião da Esquina* (1978-1981), periódico escrito e destinado especialmente a homossexuais. Investiga-se como o discurso sobre o “assumir homossexual” aparece na fonte em questão, os significados que suscitam e a rede de saberes e poderes que fez do “assumir-se gay” um modo de construir subjetividades contemporâneas.

Palavras-chave: Assumir-se;
Homossexualidades; *Lampião da Esquina*;
Dispositivo de confissão.

Abstract: This text analyzes the emergence of the dispositive of confession of homosexualities in Brazil, using *Lampião da Esquina* (1978-1981), a periodical written especially for homosexuals. It investigates how the discourse on “coming out gay” appears in the source in question, the meanings they raise and the network of knowledge and powers that made “coming out gay” a way of building contemporary subjectivities.

Keywords: Coming out; Homosexualities; *Lampião da Esquina*; Dispositive of confession.

¹ Professor adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professor colaborador no Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal da Paraíba. Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Introdução

O lançamento do *Lampião da Esquina*, em abril de 1978, pode ser considerado um ponto decisivo para a história das homossexualidades no Brasil porque, dentre outras razões, colocava em pauta uma maneira inovadora de se referir às homossexualidades, diferindo das explicações médicas, religiosas e jurídicas até então comuns. Entre aquele mês e junho de 1981 o jornal circulou ininterruptamente, totalizando 37 edições. O mensário alcançou todo o país, vendido em bancas de revistas ou por assinatura. A sede do jornal ficava no Rio de Janeiro e houve uma sucursal em São Paulo. O periódico se mantinha dos números que vendia e de publicidades, que aumentaram em seu último ano de circulação devido a crise financeira interna².

A emergência de um jornal com o propósito especial de discutir e problematizar a situação das homossexualidades no Brasil e distribuído em todo o país era algo inédito até então. *Lampião* se mostrou preocupado com as minorias, termo utilizado para se referir às lutas de mulheres, negros e homossexuais, e que não significa meramente uma oposição à maioria. Minorias fogem a um padrão de avaliação, de poder e de dominação, devem ser pensadas em sua complexidade, pois nela reside a possibilidade de criação, de potencial devir³. Criar um jornal alternativo em plena ditadura civil-hétero-militar, centrado sobremaneira com a questão homossexual, consistiu um devir no mundo de repressão e controle das sexualidades dissidentes.

Algumas das especificidades do *Lampião* era o corpo editorial reunindo escritores, jornalistas e intelectuais como Peter Fry, Jean-Claude Bernadet, João Silvério Trevisan, Aguinaldo Silva, João Antônio Mascarenhas, Darcy Penteado, dentre outros seis jornalistas na redação, além de uma série de colaboradores. Com tiragem significativa, *Lampião* chegou a vender quinze mil exemplares.

Atualmente, temos uma quantidade significativa de trabalhos sobre o *Lampião da Esquina*, o que certamente tem sido possível pela digitalização da fonte no sítio eletrônico do Grupo Dignidade e pelo interesse de pesquisa em torno das sexualidades fora da norma heterossexual⁴. Há uma questão, contudo, que estava presente no *Lampião* mas até então não consistiu objeto de estudo, tampouco figura em pesquisas sobre uma história

² SILVA, Claudio Roberto. *Reinventando o sonho*: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil Contemporâneo. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em História Social da USP, São Paulo, 1999.

³ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*: capitalismo e esquizofrenia, volume 2. São Paulo: Editora 34, 2011.

⁴ Para maiores discussões, ver: RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas*: estudos gays, gêneros e sexualidades, v. 4, n. 5. Natal: 2010, p. 17- 44.

LGBTQIA+ no Brasil⁵, isto é, aquela que dê conta das experiências vividas por pessoas que se relacionam afetiva e sexualmente com outras do mesmo sexo. Falo do **assumir-se**, dizer-se homossexual publicamente, questão que aparece como um imperativo na vida de pessoas homossexuais, obrigando-as em quaisquer fases da vida, a dizer o que são no âmbito da sexualidade, moldando as suas subjetividades⁶.

Os estudos que elegem o *Lampião* como fonte têm privilegiado um caráter militante da publicação, como foi o caso de Júlio Simões⁷, James Green⁸, Peter Fry e Edward MacRae⁹, Edward MacRae¹⁰, Regina Facchini¹¹, Almerindo Cardoso Simões Júnior¹², Marcio Leopoldo Bandeira¹³, João Silvério Trevisan¹⁴, Carlos Ferreira¹⁵, Miguel Rodrigues de Souza Neto¹⁶, Leonardo Schultz e Gabriela Mesquita¹⁷, Carolina Maria Moreira Alves e Renata Rezende Ribeiro¹⁸. Além disso, conferem importância à função do jornal de transgredir normas heteronormativas durante a ditadura mas não atribuem atenção à questão do assumir-se. Aliás, é comum alguns trabalhos se referirem ao assumir-se quase naturalizando essa

⁵ Utilizo o termo que têm sido manipulado pelos pesquisadores da rede de historiadorxs lgbtqia+, conforme lives apresentadas no canal do grupo no youtube: https://www.youtube.com/channel/UC6pRt1_iiTroHrDi8l-hJ6A. Acesso em 22 de outubro de 2020.

⁶ Este trabalho é oriundo da minha dissertação de mestrado, agradeço ao professor Durval Muniz de Albuquerque Júnior pelo compromisso e pela ética com que conduziu a orientação. Ver: SOUTO MAIOR JR, Paulo R. *Assumir-se ou não assumir-se? O Lampião da Esquina e as homossexualidades no Brasil (1978-1981)*. Recife, 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE.

⁷ SIMÕES, Júlio Assis. Antes das letrinhas: homossexualidade, identidades sexuais e política. In.: COELHO, Clair Catilhos; LAGO, Mara Coelho de Souza; LISBOA, Teresa Kleba; TORNQUIST, Carmen Susana (Orgs.). *Leituras de resistência: corpo, violência e poder*. Florianópolis: Mulheres, 2009.

⁸ GREEN, James. *Além do Carnaval: A Homossexualidade Masculina no Brasil do Século XX*. São Paulo, Editora da Unesp, 2000.

⁹ FRY, Peter e MacRAE, Edward. *O que é homossexualidade?* São Paulo: Civilização Brasileira, 1985.

¹⁰ MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”*. Campinas: UNICAMP, 1990.

¹¹ FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

¹² SIMÕES JÚNIOR, Almerindo Cardoso. *E havia um lampião na esquina: memórias, identidades e discursos homossexuais*. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO, Rio de Janeiro, 2006

¹³ BANDEIRA, Márcio Leopoldo Gomes. *Será que ele é?: Sobre quando Lampião da Esquina colocou as cartas na mesa*. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em História, PUC, São Paulo, 2006.

¹⁴ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. São Paulo: Record, 2007.

¹⁵ FERREIRA, Carlos. Imprensa homossexual: surge o Lampião da Esquina. *Revista Altejor*, v. 01, Universidade de São Paulo, 2012, p. 1-13.

¹⁶ SOUZA NETO, Miguel Rodrigues de. *Movimento gay e imprensa homossexual no Brasil contemporâneo: o Lampião da Esquina (1978-1981)*. Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História da ANPUH, 2013. Disponível em: http://snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364954035_ARQUIVO_MovimentogayeimprensanoBrasilcontemporaneo-MiguelRodriguesdeSouzaNeto.pdf. Acesso em: 23 fev. 2021.

¹⁷ SCHULTZ, Leonardo e GARCIA, Gabriel Mesquita. *O Lampião da Esquina: discussão de gênero e sexualidade no Brasil no final da década de 1970*, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1189-1.html>. Acesso em: 23 fev. 2014.

¹⁸ ALVES, Carolina e REZENDE, Renata. *Análise do conteúdo dos editoriais do jornal Lampião da Esquina*, 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-2643-1.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2021.

experiência,¹⁹ esquecendo de pensar como ele se constrói, é dado a ler e, portanto, configura-se em uma atitude cultural e política.

No oceano de questões abordadas pelo *Lampião*, uma parece ter incomodado significativamente a redação. Trata-se do tema do assumir as homossexualidades, que aparecia em capas, editoriais, artigos dos jornalistas e colaboradores, bem como em entrevistas e em cartas de leitores. Delineia-se, portanto, o seguinte problema para este texto: como foram construídos os discursos a respeito do assumir no *Lampião* e como esses textos elaboraram um modelo possível de ser homossexual.

A ideia de assumir-se no modo como aparece na documentação analisada permite ser lida como uma confissão, um momento em que falar de si se configura como um alívio, uma interpelação, uma constituição como sujeito. Para discutir a questão, este artigo articula-se em três momentos. O primeiro expõe teoricamente o que compreendo por dispositivo de confissão. O segundo analisar os textos do assumir no *Lampião*.

A confissão da sexualidade no Ocidente e dispositivo de confissão da homossexualidade no Brasil

Durante a Modernidade, a confissão levou em consideração a intensa e crescente proliferação de discursos a respeito do sexo.²⁰ O filósofo Michel Foucault mostrou que tanto em tratados de diversas áreas (biologia, medicina, psicologia, demografia), quanto em pesquisas quantitativas, o sexo se tornaria uma das preocupações das instituições naquele momento, em tese contrária ao que se pensava: o *modus operandi* da moral vitoriana como uma época de repressão. Passa a haver uma “polícia dos enunciados” a proibir ou permitir quando e em que lugar o tema vem à tona. E o que vem à tona? A confissão revelada na expressão da sexualidade.²¹

Vale pontuar que o conceito de “confissão” emerge na obra de Foucault no cerne de suas preocupações sobre escrita de si, autoconstituição do sujeito e experiência ética e

¹⁹ Um exemplo: KRONKA, Graziela Zanin. *A homossexualidade nas bancas de jornal: a enunciação do assumir-se homossexual na imprensa especializada*. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Linguística da UNICAMP, 2000.

²⁰ Essa digressão é inspirada em FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade volume 1: A vontade de saber*. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

²¹ Contar, falar sobre si mesmo se torna uma preocupação constante. Escrever se torna mecanismo perspicaz no reconhecimento de si como sujeito portador de uma sexualidade. A principal diferença entre a confissão da modernidade e a cristã é o uso do discurso científico em detrimento do religioso, da clínica médica em vez do confessional; na ótica do momento, a ciência passa a ser a execução do poder.

estética do sujeito consigo mesmo, conforme se materializa nos textos e cursos a partir de 1980-1981²².

Privilegio aqui a relação entre confissão e relações de saber-poder, pois como veremos adiante o assumir-se aparece produzindo a publicização do desejo através de discursos que demarcam lugares para os que falam ou calam sobre suas homossexualidades. Para Foucault, a confissão seria “todos estes procedimentos pelos quais se incita o sujeito a produzir sobre sua sexualidade um discurso de verdade que é capaz de ter efeitos sobre o próprio sujeito”²³. Portanto, numa perspectiva foucaultiana a confissão está relacionada com a criação de subjetividades. E este ato “individual” efetivamente só se torna possível ao mobilizar referências sociais e coletivas e ser atravessada por repertórios, problemas e tensões que não emergem do seio individual. A subjetividade é forjada coletivamente, em tensão, em conflito.

Mostrarei adiante como os textos do jornal incentivavam uma confissão das homossexualidades e estavam recorrentemente sugerindo a importância pessoal e política dessa atitude. Os textos do jornal, em conjunto, podem, sem dúvida, ser lidos como um discurso persuasivo²⁴. Neste trabalho chamo a atenção entre tais enunciações e a formação de uma experiência²⁵ da confissão, um imperativo de assumir a homossexualidade.

O assumir-se se converte em dispositivo a gerir a vida daqueles que se relacionam sexualmente com pessoas do mesmo sexo. Coube a tais discursos construir um lugar positivo, digno de respeito e realização para os homossexuais que se assumiam; aos demais, coube a tristeza, a solidão e se passar por heterossexual. O filósofo Giorgio Agamben esclarece, reportando-se ao dispositivo penitencial, que a emergência da confissão na subjetividade ocidental ocorre na negação do velho; encontra-se a sua verdade na não verdade do que se pretende superar ou avultar do passado.

Um dispositivo, de acordo com Foucault,²⁶ é persuasão, é construção de novas subjetividades, um conjunto heterogêneo de discursos que criam outros mundos através das

²² CASTRO, Edgardo. *Vocabulário Foucault*: Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, pp.82-84

²³ FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade. In: _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, pp.243-276, p.264.

²⁴ CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006

²⁵ Entende-se por experiência “a correlação numa cultura entre campos de saber, tipos de normatividade e forma de subjetividades”. Ver: FOUCAULT, Michel. *Modificações. História da sexualidade, volume 2: O uso dos prazeres*. São Paulo: Graal, 2010, p. 10.

²⁶ Giorgio Agamben desenvolveu uma genealogia do termo dispositivo em Foucault e identificou que o uso do conceito se dá nos anos 1970, mesma época em que passa a se ocupar do governo dos homens. Na realidade, Foucault teria feito uma apropriação da leitura operada por Jean Hyppolite do conceito de positividade na filosofia de Hegel, termo pensado num conjunto de regras sociais datadas historicamente. Seria com este movimento que Foucault compreendeu a relação próxima entre os indivíduos e a história, especialmente na efetivação das relações de poder, bem como da produção de subjetividades. In.: AGAMBEN, Giorgio. *O que é um dispositivo*. Chapecó: Argos, 2012.

relações de poder. Na perspectiva do filósofo, uma rede que intercruza instituições, regras, tratados, enunciados e discursos da filosofia à ciência e se organiza de modo a produzir algo diferente; a produção de verdades caracteriza um dispositivo.

É notório esclarecer que o dispositivo, na perspectiva foucaultiana, não compreende uma tecnologia de poder trabalhando verticalmente. O dispositivo, tal como se pode afirmar através do *Lampião*, “parece remeter a um conjunto de práticas e mecanismos (ao mesmo tempo linguística e não linguística, jurídicas, técnicas e militares) que tem o objetivo de fazer frente a uma urgência e de obter um efeito mais ou menos imediato”.²⁷ Giorgio Agamben, por sua vez, formulou que “os dispositivos devem sempre implicar um processo de subjetivação, isto é, devem produzir os seus sujeitos”.²⁸ As subjetividades, tecidas por meio do dispositivo, estão costuradas num novelo de saberes e normas, cuja finalidade é controlar as ações dos sujeitos, dar-lhes regras, quase um manual de conduta ensinando como viver. Com o assumir não parece ter sido diferente.

O assumir como dispositivo

Na trajetória do *Lampião da Esquina* os textos sobre o assumir apareceram em editoriais, artigos de opinião, entrevistas e, sobretudo, nas cartas de leitores²⁹. Uma vez que esses textos aparecem no jornal, são pensados como um objetivo da publicação como um todo e não somente do seu autor e por isso vão funcionar como uma das bandeiras defendidas no periódico no momento em que as homossexualidades passam a adentrar de modo mais intenso o espaço público.

Na edição de número três do *Lampião* é possível perceber a recorrência à temática da visibilidade das homossexualidades em texto assinado pelo militante João Antônio Mascarenhas destacando uma série de razões pelas quais valeria a pena assumir as homossexualidades:

Assumir-se? Por quê?

Assumir-se, no caso, significa o processo de aceitar com naturalidade a condição de homossexual, sem alardeá-la, mas sem escondê-la. Isso não se consegue nem rápida nem facilmente, mas, em geral, a duras penas. Depois de angústias e frustrações. Valerá o esforço? Creio que sim. Não pretendo enumerar todos os motivos, mas alguns deles:

²⁷ Idem, ibidem, p. 34-35.

²⁸ Idem, ibidem, p. 38.

²⁹ Um trabalho analisou o assumir-se nas cartas de leitores do *Lampião*, ver: SOUTO MAIOR JR., Paulo R. Escrever para inscrever-se: epistolografia homossexual nas páginas do *Lampião da Esquina* (1978-1981). *Tempo e Argumento*, v. 09, Florianópolis, 2016, p. 254-282.

- 1º: Sentimo-nos desobrigados de fingir, livrando-nos do peso da mentira e da tensão provocada pelo terror de sermos descobertos;
- 2º Dispensamo-nos da hipocrisia de participar do jogo dos outros, do eu-faço-que-escondo-e-você-faz-que-não-vê; via de regra simulam ignorar o homossexualismo dos que a rodeiam para, assim, mantê-los sob domínio, para que eles conheçam os seus lugares, não se manifestem, sigam as regras, curvem-se calados, gratos, até pelo bom tratamento;
- 3º Impedir a ocorrência de chantagem de parte de indivíduos com quem mantivemos relações sexuais; de repórteres sensacionalistas da imprensa marrom; de companheiras de serviço, de todo círculo de criaturas com quem convivemos, até mesmo do círculo familiar, onde às vezes um outro tipo de chantagem ocorre, a chantagem afetiva – talvez a mais terrível de todas – que, surda, implacável, prenhe de ameaças, traumatiza tanta gente;
- 4º Fazer com que fiquemos a salvo da necessidade de subornar certos policiais inescrupulosos, que fingem desconhecer que o homossexualismo não é punível na legislação brasileira e procuram submetermos a todos os vexames sob ameaça de uma acusação qualquer;
- 5º Saber que neutralizamos os nossos opressores machistas, porque os privamos de utilizar a única arma de que dispunham contra nós, a ameaça de descobrir-nos, quando, na impossibilidade de acusar-nos de qualquer deslize, utilizam-se desse recurso para manter-nos amedrontados; obviamente essa gente nada pode fazer contra um homossexual assumido;
- 6º Dá, pelo nosso exemplo, apoio moral aos homossexuais desejosos de assumirem-se, mas com receio de fazê-lo; infelizmente não raro jovens se suicidam porque não suportam o estigma imposto pela sociedade;
- 7º Também pela nossa atitude ajudar os familiares que se indignam quando percebem o homossexualismo de um parente, a questionarem a validade da posição de repúdio por eles adotada e ao auxiliá-los a darem-se conta dos preconceitos de que são portadores; na medida em que mais e mais homossexuais assumidos impuserem-se, pela qualidade do trabalho, na indústria, comércio, política e outras atividades, haverá maior aceitação por parte dos heterossexuais; o processo já se acha em andamento; não aumentará percentualmente o número de homossexuais mas provocará uma queda de máscaras;
- 8º Sentir que estamos batalhando para a construção de um mundo melhor, onde os direitos humanos e os das minorias sejam respeitados, pois o assumir se constitui um ato essencialmente político, através do qual o indivíduo reconhece-se como integrante de um grupo oprimido, primeiro indispensável passo para lutar contra a opressão. Evidentemente quem teme defender-se, pelo receio de identificar-se não se encontra preparado para fazer-se respeitar (...)
- 9º Maior auto respeito, pela ausência do sentimento de culpa;
- 10º Aumento de segurança, pois nos vemos livres de tensões e angústias;
- 11º Melhor relacionamento com nossos parentes e amigos pela maior franqueza;
- 12º Possibilidade de plena realização pessoal e profissional pelo conjunto de condições acima³⁰.

O texto acima contribuiu para inaugurar um momento de confissão das homossexualidades no Brasil. Ora, mas os homossexuais já não tinham que confessar os seus pecados à Igreja ou aos médicos para serem curados, por exemplo? Nesse caso, a que se deve esse ineditismo? Passa a haver uma positividade no assumir-se, de modo que o

³⁰ MASCARENHAS, João Antônio. Assumir-se? Por quê? *Lampião da Esquina*, nº2. Rio de Janeiro, junho de 1978, p.2

emissor possivelmente não sofreria danos ao se revelar. Assume-se para poder viver melhor, segundo as várias razões enumeradas pelo autor.

Dizer ‘sim’ ao assumir-se constituía um desejo de romper com a dupla identidade imposta pelas barreiras morais vigentes, ou seja, ora se comportar como heterossexual, ora, se a ocasião permitisse, como homossexual. Ao visibilizar-se, os homossexuais saíam da zona sombria que lhes era imposta, desnudava-se o “jogo de faz de contas” e, assim, assumia um papel social, de ser homossexual e dizer-se publicamente, que não podia mais ser solenemente ignorado.

No texto de Mascarenhas, o assumir-se, que não deixa de ser uma forma de se revelar pela confissão, ganha uma nova dimensão, já que aparece fora do âmbito da tradição confessional cristã.³¹ Se, até então, a confissão homossexual pressupunha algum tipo de punição, prática condenada pelo cristianismo, agora ela passa a ter uma dimensão pública e libertadora. Confessa-se para poder deixar o gueto homossexual³² e libertar-se de ser passível de chantagens de variadas ordens.

Foram discursos como esse, inéditos até sua circulação, um dos responsáveis por trazer à tona o que chamo de cultura de confissão que prometia libertar os homossexuais das opressões de várias ordens que o cercavam, dentre elas não viver o seu desejo. Não se tratou de um movimento isolado. É preciso lembrar, aqui, que o Ocidente, em especial os Estados Unidos e a Europa Ocidental, passava por uma revolução cultural já nos anos 1960, marcado pela autonomia do corpo associado ao prazer, a emergência do movimento feminista e do movimento gay.³³

O texto de Mascarenhas aponta para um projeto de futuro. De que modo? Atentemos para o item de número oito do artigo. Alude-se a uma perspectiva política na construção de

³¹ No ocidente, a confissão está intimamente ligada com a fundação do Cristianismo. A Teologia Moral elaborada pela Patrística procurou investir na proibição do prazer sexual e valorização do matrimônio, constituindo um dos principais pilares do cristianismo. Valorizava-se, igualmente, a continência. Em decorrência do IV Concílio de Latrão, no século XIII, essa questão ficava bem delimitada. Houve, ainda, alguns teólogos da Patrística que incentivaram a visão que a Igreja construiu do sexo. Na passagem dos séculos IV-V, conta Lana Lima (1996), com Santo Agostinho, associou-se pecado original e sexo. Com isso, era inaugurado, efetivamente, um combate eclesialístico contra o prazer sexual. Nos séculos XI e XIII, esses prazeres passam a ser classificados e recebem o nome de luxúria. Começa, concomitantemente, a circular manuais de confissão. Mais tarde, no século XVI, Martin de Azpilcueta Navarro, em *Manual de Confessores e Penitentes*, defende que a luxúria é um vício do homem. Esses manuais tiveram a função de lembrar os confidentes de suas faltas. Segundo Bartolomeu dos Mártires, em *Tratado de Confesión*, livro de 1564, o confessor deveria deixar o confidente expor suas “faltas” sem intervir; o interrogatório começaria em seguida. “Longe de ser apenas a repetição de um discurso estereotipado, a prática confessional aparece como espaço que permite a apresentação de conflitos particulares” LIMA, Lana Lage da Gama. Confissão e sexualidade. In.: PARKER, Richard; BARBOSA, Rogéria Maria (Orgs.). *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; ABIA: IMS/UERJ, 1996, p.41.

³² O gueto é o espaço de sociabilidade entre homossexuais. Geralmente é marcado pela clandestinidade, por territórios de práticas exclusivamente homossexuais, de modo a preservar o segredo da homossexualidade.

³³ Algumas obras situam essa discussão: GREEN, James. *Além do carnaval: homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP, 2000; PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012, p.238-259.

um novo mundo. Por se tratar de um “grupo oprimido”, parece útil organizar uma voz de luta com propósitos de questionar e excluir uma série de preconceitos sofridos por esse grupo na sociedade.

No final da década de 1970 os homossexuais tornaram-se personagem de mais um projeto a modelar sua existência, o de dizer-se ou não, assumir-se ou não, calar ou falar sua homossexualidade. Eis mais um binarismo com o qual esses personagens aprenderam a lidar cotidianamente através de textos e imagens difundidos no *Lampião*, que criaram modelos e regras para a revelação das homossexualidades.

Os receios de assumir a homossexualidade é algo que Mascarenhas conhece bem. Afinal, quando próximo aos trinta anos, como relatou em entrevista a Claudio Silva, ainda vivia no seu “pequeno mundo individual”.³⁴ Ao decidir morar no Rio de Janeiro, encontrou certa liberdade para exercer os seus desejos, mas, “apesar de ter aceitado minha homossexualidade, não tive, de chofre, a coragem de assumi-la publicamente (...) Entre a faca e a parede, abria o jogo, mas empenhava-me em evitar a necessidade de uma definição”.³⁵

Mascarenhas mencionou, dentre as razões de assumir, a impossibilidade de sofrer chantagem por viver no segredo. No momento em que esboçava suas razões do assumir, certamente lembrava de sua trajetória pessoal. O “eu-faço-que-escondo-e-você-faz-que-não-vê” tem uma interpretação particular e biográfica, como esclareceu em entrevista a Silva (1999). Nesse relato, menciona o receio dos outros perceberem a sua homossexualidade: “Esta situação vinha me aborrecendo. Percebia que aquilo dava aos outros a oportunidade de chantagem (...). Fosse no ambiente de trabalho, familiar, entre amigos (...). Havia a possibilidade de alguém dizer ‘- Olha que eu sei! Olha que eu conto!’”.³⁶

As doze razões mencionadas anteriormente vem à tona em virtude de um processo de leituras que realizou, possivelmente, desde 1972 ou 1973, quando passa a assinar o *Gay Sunshine*, um jornal gay norte-americano editado por Wiston Leyland que também advogava a favor do assumir-se. A publicação estadunidense surpreendia pelo conteúdo, dicas de livros acadêmicos e de romances que se uniam em uma abordagem cultural e política das homossexualidades. Não era apenas um mundo de leituras, era um mundo de sonhos estimulado na descoberta da existência do movimento homossexual em torno de nomes como o *Gay Liberation Front*³⁷ e *Stonewall*³⁸. Quem fala? Um Mascarenhas

³⁴ MASCARENHAS, João Antônio. Entrevista a Claudio Roberto da Silva. Op.cit. p. 264.

³⁵ Idem, ibidem.

³⁶ Idem, ibidem.

³⁷ Organização homossexual norte-americana formada em 1969, na cidade de Nova York.

³⁸ O evento tem se configurado como um marco significativo na história do movimento homossexual no Ocidente. *Stonewall Inn* é um bar frequentado por homossexuais na cidade de Nova York. Nos anos 1960 sofria constantes batidas

conhecedor de outros mundos, de outras possibilidades que lamentava “contudo, que meu interesse sobre o tema não fosse compartilhado por meus compatriotas homossexuais”.³⁹ Isso, antes do surgimento do *Lampião*.

A passagem acima, das razões do *assumir-se*, é ainda muito sugestiva porque indica a organização de um discurso através de um sistema de hierarquias.⁴⁰ Isto é, o *Lampião* passava a elaborar uma distinção entre o homossexual que se assume e aquele que não o faz. “Evidentemente quem teme defender-se, pelo receio de identificar-se, não se encontra preparado para fazer-se respeitar”, diz a nona razão. Associa-se confissão com respeito porque os editores, homossexuais assumidos, talvez lembrassem de si, dos seus conflitos particulares e do desejo dos homossexuais em serem aceitos e respeitados⁴¹ em virtude da sua sexualidade.

Foi em meio a esses argumentos, visando ao fim da “vida nas sombras”, que o *assumir-se* foi se configurando. Passava-se a denominar, delimitar e definir, por existências e exclusões, afirmações e negações, uma identidade homossexual, subjetivada na publicização daquilo que foi construído como sua intimidade. *Assumir-se* significa colocar em questão uma identidade homossexual, identidade que está, conforme destaca Stuart Hall, ligada “às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. Elas são o resultado de uma bem-sucedida articulação ou ‘fixação’ do sujeito aos fluxos do discurso”⁴². O texto de Mascarenhas é exemplar nesse sentido, pois apresenta um modelo de homossexualidade só alcançado com o *assumir*. É pertinente destacar que não há em nenhum momento uma menção aos marcadores de raça em torno da confissão pública da homossexualidade. O movimento é endereçado por um grupo de jornalistas, muitos de classe média e brancos e que apesar de escreverem para os homossexuais, não problematiza outros marcadores sociais que incidem na fabricação do dispositivo de confissão das homossexualidades.

Escrever sobre o *assumir*, defendê-lo era ir contra algo que parecia estar naturalizado na vida daqueles que se percebessem como homossexuais. O jornalista Celso Cury, que escreveu em 1976 a *Coluna do Meio*, pioneira seção de jornal de grande circulação no Brasil,

policiais. Na noite de 28 de julho de 1969, se deu algo atípico. Os homossexuais ali presentes enfrentaram os policiais. Nos dias seguintes começaram a ser organizadas manifestações homossexuais contra a repressão, o preconceito e exigindo respeito. Desde então, o dia 28 de junho é considerado um dia de luta para os homossexuais. Ver: SPENCER, Colin. *Homossexualidade: uma história*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

³⁹ Idem.

⁴⁰ Ver: FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2012.

⁴¹ Esse processo é explicado em: TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da Colônia à atualidade*. São Paulo: Record, 2012.

⁴² HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomás Tadeu da. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes – RJ, pp.103-133, p.112

Última hora, a tratar especificamente de temas voltados ao público homossexual, recebeu uma carta de um dos seus leitores datada de 10 de novembro de 1977. O rapaz que escrevia de alguma cidade do interior lhe agradece pelo conteúdo das colunas que, dentre outros temas, apresentava a cena gay na capital paulista, e conta a sua história, sobretudo do quiproquó que se deu quando “amigos e primos” o seduziram e fotografaram uma relação sexual dele com um de seus colegas, passando a chantageá-lo.

Duas questões chamam a atenção para essa carta transcrita no *Lampião da Esquina*. Uma delas é a presença da chantagem por parte dos que sabem do desejo sexual do missivista, passando a se aproveitar do rapaz para fins sexuais e destaca “eu nada podia fazer de (sic) medo dos meus pais e irmão e também por causa da vergonha e das provas que eles possuíam”. Transcorrido um tempo, o rapaz enfrenta um problema que não fica claro na carta e comenta o desejo de se matar, destacando o positivo papel da *Coluna do Meio* ao apresentar um conjunto de possibilidades para a vida de “homossexuais passivos”, como ele se coloca.

Ora, essa narrativa está bem localizada, na primeira edição. Certamente, João Silvério Trevisan que traz a carta em sua reportagem, viu nela uma oportunidade de se aproximar de dilemas vividos por homossexuais de outros locais do Brasil, com destaque para os do interior, referência usada pelo próprio missivista. Portanto, a sua presença ali é uma forma de dizer que o *Lampião* tratará desses temas que, semelhante à *Coluna do Meio*, poderá ser um veículo de divulgação de vivências e locais de sociabilidade para muitos leitores. Porém, é também uma maneira de dizer que o medo de ser descoberto homossexual, que a presença da chantagem nesse caso será uma preocupação por parte do mensário, fazendo assim um convite a diferentes leitores. Não deve ter sido por acaso que no seu primeiro editorial, acertadamente chamado *Saindo do Gueto*, a palavra assumir aparece em negrito:

(...) o que LAMPIÃO reivindica em nome dessa minoria é não apenas **se assumir** e **ser aceito** – o que queremos é resgatar essa condição que todas as sociedades construídas em bases machistas lhes negou; o fato que os homossexuais são seres humanos e que, portanto, têm todo o direito de lutar por sua plena realização, enquanto tal⁴³

Pelo visto a questão do assumir a homossexualidade estava sendo ensaiada timidamente em outras instâncias, e já na edição de número 01, *Lampião* recebeu uma carta do leitor Guilherme Império, de Campinas- SP, questionando o assumir que, ao seu ver, endossaria o caráter patriarcal da sociedade porque reforça “a ideia de que pessoas que

⁴³ Editorial. *Lampião da Esquina*, nº0. Rio de Janeiro, abril de 1978, p.2.

transam com pessoas do mesmo sexo são realmente **diferentes**, assim garantindo o comportamento ‘normal’ dos outros”⁴⁴. Na réplica, o jornal destaca que “não disse até agora que pessoas devam ‘assumir’ a própria sexualidade e se fechar dentro dela (...)”. E mais adiante: “Muita gente usa esse argumento seu, de que o homossexual não deve se fechar num gueto, exatamente para justificar a discriminação: ‘se você não falar do seu problema, o seu problema não existe’”⁴⁵.

Trata-se de uma maneira encontrada para validar a existência pública de um grupo que aparece e demanda direitos numa agenda de combate ao preconceito. O meio encontrado foi pela linguagem. Os editores do *Lampião* tomaram a palavra publicamente, gesto que lhes havia sido negado até o momento. Assumir a homossexualidade significava contestar relações sociais e lugares destinados a esses sujeitos. É uma maneira de reconstruir relações que se dá na nomeação de si e dos outros na esfera pública lançando mão do desejo por pessoas do mesmo sexo como forma de identificação.⁴⁶

No entanto, assumir a homossexualidade ou pelo menos negá-la pode custar a própria vida. *Lampião* conferiu destaque a um caso nesse sentido que acaba funcionando como um quadro de referências para os efeitos de assumir. Trata-se de carta escrita por Carlos A. P. Silva e que tomou o lugar do editorial da edição de número 11 do periódico. O remetente conta a história do suicídio do seu suposto companheiro. O caso ocorreu em Porto Alegre, em janeiro de 1979, e uma das razões foi a discriminação vivida no trabalho “tão logo souberam de sua situação particular”. O missivista destaca que ele não era “um cara desmunhecado”, o que talvez favorecesse a aceitação por parte das amizades heterossexuais que tentou fazer e destaca:

É difícil assumir e tentar conviver pacificamente com o resto, e por vezes se torna mais fácil usar uma máscara por cima. Por outro lado, assumir e não ter condições de luta pode resultar numa situação como a do meu amigo, o qual suicidou-se por não entender que existe intolerância e uma hipocrisia tão cretinas, mesmo na época em que vivemos (...)
Lamento muito, mas aqui neste grande Brasil a coisa muda de lugar para lugar, num o homossexual é mais aceito, noutros menos, mas isso é até café pequeno perto da própria opinião que o pessoal tem de si mesmo. É preciso uma tomada de posição, que nos conscientizemos de que cada um de nós é um mundo à parte, que não devemos nos condicionar como querem. Cada um que siga o seu caminho, e um pouco de solidariedade até que caia bem⁴⁷

⁴⁴ IMPÉRIO, Guilherme. Assumir o quê? *Lampião da Esquina*, nº1. Rio de Janeiro, maio de 1978, p.14

⁴⁵ Idem, ibidem.

⁴⁶ Sobre as políticas de nomeação no espaço público, ver: CERTEAU, Michel. *La toma de la palabra y otros escritos políticos*. Ciudad de México, Universidad Iberoamericana, 1995.

⁴⁷ SILVA, CARLOS A.P. Um alerta – um aviso. *Lampião da Esquina*, nº11. Rio de Janeiro: abril de 1979, p.2

Na seleção dessa carta, *Lampião* apresenta a história de uma vida que não aguentou as pressões, talvez dentre outros motivos, de ser identificado publicamente como homossexual. Carlos, o remetente, descreve seu amigo da seguinte maneira “tinha 23 anos, nível cultural razoável, assumido e sem problemas maiores como o da sobrevivência no dia-a-dia, já que trabalhava”. Nota-se como o termo assumido já é uma categoria usada para classificar homossexuais, compondo um binarismo entre aquele que o faz ou não; atribuir o adjetivo de assumido é demarcar uma diferença, é vestir uma bandeira cara aos objetivos do periódico.

Na missiva temos uma mensagem que ensina um modo de viver quando colegas de trabalho descobrem a homossexualidade, a sua reação consiste em se tornar “elemento eficiente dentro desse banco”, superando os demais colegas. Ensina-se ainda dois possíveis modelos de homossexuais “a bicha louca inofensiva” ou aquele que luta “pela vida de igual para igual, mesmo não se negando a condição de homossexual”. A visão preconceituosa de Carlos parece colocar que o problema de assumir não cabe aos homossexuais com trejeitos considerados femininos. O assumir pertence aos que não são “desmunhecados”, alguns dos quais insistem numa convivência pacífica com heterossexuais.

Um investimento nessa temática por parte de um periódico que alcançou sucesso à época diz de uma de suas marcas editoriais. Quando uma carta sobre um suicídio vem a público, esse tema ganha um tom mais pessoal, característica do gênero epistolar, podendo influenciar na subjetividade dos leitores. Portanto, essa carta apresenta efeitos preocupantes do assumir, mas cartografa e delimita o modelo do homossexual assumido, a coragem que mobiliza a sua ação e o que fazer diante da descoberta.

Tomando por análise o assumir-se numa perspectiva da teoria queer⁴⁸, David Halperin observa que a experiência de tornar visível e dito que se é homossexual, comprova a ideia foucaultiana do poder⁴⁹ em todas as partes; ele parte de vários pontos de campos de

⁴⁸ Este modelo de reflexão quer pensar as múltiplas formas de diferenças sexuais. O tema queer, por si só, já procura romper com as palavras “gay” e “lésbica”, que, até então, funcionavam como “a” identidade de certos sujeitos. Assim, o foco dos queers é, também, resistir e contestar o modo como alguns saberes e práticas se constituem e se tornam normas *corretas* e que devem ser seguidas. Para mais informações, consulte: LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005; MISKOLCI, Richard. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

⁴⁹ Para Deleuze: “o poder não tem homogeneidade, antes se define pelas singularidades, pelas pontes singulares através das quais passa”. O poder não vem de cima, do Estado, por exemplo, ele opera onde exercem um papel produtor. Em *Vigiar e Punir*, o foco no poder nos esclarece que as sociedades modernas eram sociedades disciplinares. Então se faz necessário compreender o que seria disciplina. Deleuze dirá que disciplina é um aparelho que permite, possibilita o poder. Além do mais, não há uma localização particular para o poder devido a própria palavra local ter sentidos diferentes. Ora se refere ao global, ora não é localizável, posto que difuso. Isto porque o poder é operatório entre um conjunto, pois o próprio nome “relações de poder” significa que há mais de um sistema em evidência. A relação de poder não ocorre sozinha e “é o conjunto dos relacionamentos de forças, conjunto que não passa menos pela força

forças, daí sua multiplicidade e alcance capilar. Embora estar no armário⁵⁰ seja uma forma de proteção numa sociedade moldada na heterossexualidade compulsória⁵¹, pode, também, se referir a um outro imperativo imposto aos homossexuais por esta mesma sociedade que elabora um silêncio a seu respeito, preferindo deixá-los na clandestinidade.

De acordo com a discussão da visibilidade das homossexualidades sugerida por David Halperin, “não é possível pensar o armário como uma experiência da liberdade”.⁵² Isto é, estar no segredo, manter oculta a preferência sexual, pode trazer ganhos sociais só possíveis devido ao sujeito se fazer passar por heterossexual. Além do mais, assumir-se pode permitir aos heterossexuais, por exemplo, “projetar todas as fantasias que têm sobre os gays e parecer que cada gesto, frase, expressão, opinião sejam marcadas de modo irrevogável pela importância social esmagadora de uma identidade reconhecida publicamente”.⁵³ Percebe-se que os debates em torno da publicização da homossexualidade levam em consideração o lugar ocupado pela heterossexualidade que precisa se reafirmar e se colocar superior por meio do seu oposto, a homossexualidade.

Um dos espaços em que mais se lia, no *Lampião*, enunciados a respeito da confissão, eram nas entrevistas. Nesses espaços, os editores se preocuparam em apresentar uma opinião a respeito do assumir-se.

Exemplo sugestivo foi a entrevista que João Silvério Trevisan realizou com Wiston Leyland, o editor do jornal norte-americano *Gay Sunshine*, do qual falei anteriormente. Atentemos para as perguntas colocadas por Trevisan:

O Gay Sunshine tem publicado inúmeras entrevistas com artistas homossexuais. Em geral eles se mostram receptivos à ideia de se exporem publicamente como homossexuais? (...)
 Você acha que assumir a homossexualidade implica mudanças profundas na vida pessoal? (...)
 A opressão (velada ou não) da sociedade heterossexual muitas vezes gera ódio surdo nos homossexuais. Você não acha que esse sentimento poderia evidenciar uma primeira tomada de consciência enquanto ser oprimido? (...)
 A verdade é que certos heterossexuais – sobretudo os que se consideram politicamente progressistas – não acham necessário um movimento especial

dominada que pelas dominantes, umas e outras construindo singularidades”. Ver: DELEUZE, Gilles. Um novo cartógrafo. In.: *Foucault*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1998, p. 56.

⁵⁰ Refiro-me à expressão cunhada por David Halperin. Nesse momento ainda não havia no Brasil o uso do termo “sair do armário”. É na década de 1990 que esse termo, traduzido do inglês “coming out”, se espalha nas publicações destinadas aos homossexuais.

⁵¹ RICH, Adriene. Op.cit.

⁵² Fizemos uma tradução do texto. No original, consta: “no es posible pensar el closet como una experiencia de la libertad”. Consultar: HALPERIN, David. *San Foucault: para una hagiografía gay*. Buenos Aires: [s.n.], 2007, p. 49.

⁵³ Do original, em espanhol, “proyectar todas las fantasias que tienes sobre los gays y padecer el hecho de que cada gesto, frase expresión, opinión sean marcados de un modo irrevocable por la abrumadora significación social de una identidad reconocida públicamente” (Idem, p. 54,55).

de liberação dos homossexuais. Isso não seria já em si uma forma velada de opressão aos homossexuais? (...)
Gostaria de perguntar-lhe algo mais pessoal, se isso não o molesta: como é que você assumiu sua homossexualidade? Foi um processo difícil? Que problemas você encontrou? (1978, p. 9-10).

As questões pontuadas nessa entrevista levam diretamente à problemática de assumir a homossexualidade. A terceira pergunta feita a Leyland indaga como os homossexuais famosos reagem à ideia de assumir-se e, em seguida se, na sua opinião, o assumir-se produziria uma transformação na vida pessoal.

Na mesma edição, com intervalo de duas páginas, aparece mais um texto sobre o assumir-se. Ficamos sabendo que, nos Estados Unidos, existia um movimento homossexual organizado. E havia um jornal com cerca de uma década de existência, o *Gay Sunshine*, com 25 mil leitores não apenas norte-americanos; existia uma literatura organizada, produzindo ficção com a temática homossexual, passava a ser conhecida a opinião do autor acerca do assumir e, também, de que modo este se assumiu.

Há a importância de Leyland e do que a sua presença significava. Ele é aquele que tinha direito à fala, aquele cujo depoimento certamente não era interrompido. O jornal informava a importância de Leyland no movimento homossexual americano e o modo como ele falava de si indica uma aceitação da homossexualidade e a capacidade de falar dela sem medos, sem temores. Seu depoimento apareceu no *Lampião* como uma forma de superação para muitos problemas da vida obtida com assumir-se.

Era um momento de insatisfação, divulgado no jornal, com o silêncio da sexualidade, com o gueto e o modo de vê-la como segredo. Era a oportunidade de fazer falar a homossexualidade pelos próprios homossexuais, efetuando, para isso, estratégias para sua exposição pública.

A pergunta de Trevisan sugere um desejo de ouvir histórias de confissão. O entrevistador fala pelo jornal e, portanto, o enunciante das perguntas é a voz de alguém, mas, também, de certa ideia que se quer defender. Assumir traria modificações à vida pessoal? A resposta é dada pelo próprio jornal, na mesma edição. Lá se colocavam as razões do assumir propostas por Mascarenhas que vimos anteriormente. Assim, eram projetadas maneiras de tocar no assunto, de fazer a homossexualidade entrar na pauta do dia, na ordem de um discurso escrito por homossexuais e vendidos em bancas de revista país afora.

Indagar sobre a sexualidade em uma entrevista que toma duas das dezesseis páginas do jornal tem suas razões. Primeiro, formular a pergunta já indica que há uma preocupação por parte de um dos editores em tratar do tema. Segundo, selecionar, após a entrevista, o

que deve ou não constar no impresso é outra escolha efetuada, que diz respeito ao que precisa ganhar destaque, virar assunto problemático e passível de discussão. Por último, mais uma vez, pela terceira vez em uma mesma edição, insistia-se na questão do assumir, o que remete a preocupação do *Lampião* com esse assunto.

Nessa entrevista estão presentes, pelo menos, dois movimentos se projetando paralelamente. De um lado, colocar-se homossexual; do outro, uma ideia de atuação política. O primeiro movimento se apresenta com muitos desdobramentos sobre a história das homossexualidades: o assumir permitiu que certo passado fosse lido, refletido, dado a pensar através de narrativas de autores que se aproximam dos objetos que o *Lampião* visava divulgar.

As entrevistas eram um momento sugestivo para colher narrativas de assumir ou colocar a questão, artifício que seria usado pela imprensa gay dali por diante para colocar o problema⁵⁴. Uma delas foi feita com o cantor Ney Matogrosso, que já na primeira pergunta, realizada por Antônio Chrysóstomo, é questionado sobre uma afirmação dada à revista *Isto é* ao dizer ser “mais importante perguntar a um artista o que ele é como artista, o que ele faz como artista, ao invés de perguntar se ele é homossexual”. O cantor reafirma o que interessa ao público é a pessoa pública, e não a pessoa particular, pondo um fim a uma discussão sobre se assumir ou não publicamente.

Na entrevista realizada com o estilista Clodovil Hernandez a equipe do *Lampião* foi mais incisiva. O antropólogo Peter Fry lhe perguntou, “E como foi o seu desenrustimento?”

Bem, eu vivi lá até os 18 anos. Nunca tive problemas. Quando eu tinha 18 anos meu pai falou comigo sobre o assunto pela primeira vez. Eu tinha vindo da fazenda, estávamos na cidade, e à mesa, eu, ele e minha mãe, para jantar. Ainda hoje me lembro: tinha salada de agrião. Aí meu pai perguntou: “Então meu filho é fresco?” Eu quase caí duro. Imagine: minha mãe sentada com a cara dentro do prato, acho que ele tinha falado antes com ela. Aí eu perguntei, “mas quem foi que disse isso?” Ele disse o nome da pessoa, e eu comentei, “mas então você acredita num estranho? Ele continuou “Pouco importa que seja um estranho, porque é verdade.” Então eu lhe disse: “Verdade ou não, o meu afeto por você não muda nada. Agora se o seu afeto por mim mudar, o problema é seu”⁵⁵

⁵⁴ SOUTO MAIOR JR. Paulo R. *A invenção do sair do armário: a confissão das homossexualidades no Brasil*. 2019. 271 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

⁵⁵ HERNANDEZ, Clodovil. Clodovil Hernandez faz a si mesmo esta pergunta Quem deve dormir sobre os nossos lençóis de linho? *Lampião da Esquina*, nº4. Rio de Janeiro: agosto de 1978, p.11.

Vê-se como a pergunta sobre a sexualidade de Clodovil é elaborada como uma característica decisiva na sua vida, uma verdade, nas palavras do pai. O questionamento só é formulado porque ser *fresco* foge ao modelo da heterossexualidade compulsória. É um questionamento que existe porque colocá-lo é desde já demarcar uma diferença. Para o pai não importa quem disse, merece crédito o que foi dito, algo que deveria ser evitado, que talvez não devesse ocorrer. O cenário também merece destaque, o pai aguarda a família reunida à mesa para colocar o assunto. Insinua-se assim que estaríamos diante de uma cena cotidiana, comum a muitos lares país afora.

A resposta dada por Clodovil ao pai não confirma nem nega se era ou não *fresco*. Porém, o fato de ela ter existido e aparecer no *Lampião* num momento em que discursos formulados por homossexuais ganhavam uma projeção talvez nunca antes vista no Brasil, põe em cena que esse é um dos assuntos abordados e pode estar presente quando se trata de *ser* homossexual.

Destaco ainda que a pergunta que precede a destacada acima é “Você nasceu numa cidade do interior?”. Ao que ele responde, “Perto de Catanduva”⁵⁶. Logo em seguida, Fry questiona o seu assumir-se. Além de mera curiosidade, desenha-se a ideia de que em vários rincões do país, não somente nas capitais, pessoas viviam experiências de serem questionadas sobre suas sexualidades.

Ao longo da pesquisa, percebe-se que o ato de se assumir no âmbito do *Lampião* inaugurou a possibilidade de um novo caminho para os homossexuais, sem o peso da patologia que lhes era imputada pelo discurso médico-religioso. Procuravam pensá-la e questioná-la a partir de si mesma, do que seria a homossexualidade segundo os escritos dos homossexuais. O *Lampião* procurava divulgar uma nova forma de ser e de se ver no mundo, agora sob o ponto de vista dos próprios homossexuais. O ponto de inflexão dessa nova forma de viver passava, necessariamente, pelo *assumir-se*.

O que esses discursos do *Lampião* parecem ignorar é que nunca um homossexual será completamente assumido. Haverá situações, com maior ou menor frequência, dependendo do grupo e do local ao qual pertence, nas quais, mesmo assumido, será oportuno disfarçar, não dar pinta, ocultar-se, enrustir-se, ainda que durante algumas horas do dia em visita a um parente ou na presença do chefe no ambiente de trabalho, por exemplo. Ao diagnosticar que o armário gay é a instituição formadora das subjetividades homossexuais no Ocidente do século XX, a teórica queer Eve Kosofsky Sedgwick especificou: “mesmo num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou

⁵⁶ Idem, *ibidem*.

institucionalmente importante para elas”. Lembra que quem assume “lida diariamente com interlocutores que ele não sabe se sabem ou não. É igualmente difícil adivinhar, no caso de cada interlocutor, se, sabendo, considerariam a informação importante”⁵⁷

Não por acaso, alguns historiadores, como Gérard Vincent, entendem que foi no transcorrer das décadas de 1960/70 que a homossexualidade passou a ser discutida publicamente⁵⁸. Inclusive, o autor parece naturalizar esse processo. Valendo-se de duas pesquisas, uma alemã (intitulada *O homossexual comum*, de 1974) e outra estadunidense (nomeada de *Homossexualidade, um estudo da diversidade entre homens e mulheres*, 1978), o historiador precisou que o momento decisivo na vida de um homossexual seria o *coming out*,⁵⁹ “primeiro ato homossexual”. Trata-se de um processo que pode levar anos e, dado o medo de não fazê-lo, poderia acarretar o suicídio, comenta o autor e esclarece, também, que a experiência do *coming out* não significa o fim do sentimento de culpa.

Houve, no Brasil, um outro sentido para os homossexuais encabeçarem um projeto de assumir a sexualidade: ter direito a uma história. Na construção desse passado era necessário criar um modelo identificador. Desse modo, o assumir veio classificar os homossexuais:

Não é possível considerar imoral a luta de um determinado grupo – discriminado sexualmente – para sair do gueto que lhe foi imposto e assumir seu lugar na sociedade, deixando de ser, dessa forma, cidadãos de segunda classe. (...).

Por causa deste silêncio é que se criaram, e vêm sendo mantidos, muitos mitos em relação ao homossexualismo. Um deles, que este jornal desde o começo pretende desmoralizar, é aquele segundo o qual os homossexuais são criaturas pervertidas, sempre dispostas a corromper e a aliciar; se o homossexual vive grande parte de sua vida nas sombras, não é que ele goste disso; é que lhe foi imposto; se ele compensa sua insegurança e sua instabilidade transformando-se às vezes em uma caricatura do que a sociedade lhe apresenta como padrões ideais – é o caso do sapatão e da bichalouca –, não é porque isso lhe seja natural, mas sim, porque nem sempre ele é capaz de resistir às pressões, sucumbindo aos que rejeitam sua preferência sexual como apenas mais uma das formas através das quais se manifesta o esforço humano⁶⁰

⁵⁷ SEDGWICK, Eve Kosofsky. *A epistemologia do armário*. Cadernos Pagu, nº28. Campinas-SP, 2007, pp.19-54, P.22.

⁵⁸ VINCENT, Gérard. Uma história do segredo? In.: PROST, Antoine; Vincent, Gérard. *História da vida privada*, 5: da Primeira Guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das letras, 1992. Pp.155-389.

⁵⁹ Expressão norte-americana utilizada para se referir ao assumir-se homossexual. Ela pode ser traduzida por sair do armário. Na época em estudo, fim dos anos 1970, nas páginas do *Lampião da Esquina* ainda não havia menção ao termo “sair do armário”, mas, sim, ao “assumir”.

⁶⁰ SILVA, Aguinaldo. Para o Brasil do ano 2000 os “bons costumes” do século XIX. *Lampião da esquina*, nº 9. Rio de Janeiro, fevereiro de 1979, p.5

Notadamente o título do texto de Aguinaldo Silva, *Para o Brasil do ano 2000 os “bons costumes” do século XXI*, se aproxima da chamada de capa da presente edição, *Moral e bons costumes? Lampião põe o assunto na berlinda*, já conferindo um lugar de destaque ao texto do editor do jornal. O texto consistia em um manifesto público do *Lampião* que estava sendo processado por ofensa à moral e aos bons costumes pelo Departamento de Polícia Federal. Aguinaldo se recusa a ver o jornal como imoral, uma vez que o objetivo da publicação é “sair do gueto que lhe foi imposto e assumir seu lugar na sociedade”. Esta frase traz um dos sentidos do assumir-se proposto no periódico e é por isso também um convite à reflexão e à ação de se dizer homossexual por parte dos leitores.

Através da narrativa acima o assumir se relaciona com uma questão política do direito à existência, de assumir ou sumir de vez, ou continuar escondido, sem a possibilidade de ter seus desejos e vontades alcançados. Os homossexuais foram vistos comumente como cidadãos de segunda classe. Próximo das prostitutas e não muito distante dos crimes e da pedofilia, as pessoas deviam ter cautela com pessoas chegadas a esses afetos, sinaliza o texto de Aguinaldo Silva.

Dizer-se homossexual significava romper com muitos medos que a decisão poderia ocasionar, mas, simultaneamente, evidenciava um abalo de como a intimidade era vista na sociedade, ou seja, algo que deveria ser publicizado. Sair do lugar tido e construído como errado para estes grupos provavelmente era um processo difícil e os editores sabiam disso. Não por acaso, enunciados veiculados a esse assunto falavam de uma vida digna, sensata e sincera, com a possibilidade de criar amigos, tecer uma rede de amizades, de sociabilidade e de felicidade desde que se colocar publicamente homossexual não fosse visto como um problema⁶¹.

A elaboração de outras ideias relacionadas à homossexualidade se fazia presente à medida que o silêncio fosse quebrado. A existência de um jornal homossexual preencheu essa lacuna tanto por colocar opiniões de homossexuais relacionados a temas além dos seus desejos e, também, por estar em reciprocidade com os demais movimentos minoritários, criando, com isso, espaços de fala. Apesar de que, em entrevista concedida na década de 1990, Aguinaldo Silva reconheceu a dificuldade de *Lampião* em abordar temas das demais minorias. Segundo Aguinaldo, “claro que isso não funciona, porque não existe nada mais desunido que minoria: cada um fica na sua. Conseguimos até lidar bem com as feministas, eventualmente com os movimentos negros”⁶². Nesse sentido, as modificações surgidas na

⁶¹ É o que se percebe na seguinte análise sobre as cartas de leitores no *Lampião da Esquina*. Ver: SOUTO MAIOR JR., Paulo R. História das emoções, epistolografia e homossexualidades no Brasil: ?(...) vocês falam pela minha garganta muda?. *Esboços*, v. 23. Florianópolis, 2016, p. 229-249.

⁶² SILVA, Aguinaldo. Entrevista. *G Magazine*, São Paulo, agosto de 1999, p. 59.

passagem dos anos 1970-1980 acabariam por redefinir o que viria a ser um homossexual, isso a partir dos discursos que modelaram esses sujeitos, inscrevendo-os no dispositivo de assumir.

Aprende-se, com o texto de Silva, a ter posição, quebrar os silêncios, demarcar outro espaço, criar novos espaços de enunciação para a homossexualidade, lançando mão do se dizer, do não mais se esconder, semelhante aos editores do *Lampião* ao assinarem seus nomes na publicação. Os homossexuais desejosos de aceitação necessitaram da confissão pública da sexualidade para se legitimarem.

Mais uma vez, trata-se do assumir como direito à existência. Observando a continuidade do texto de Aguinaldo Silva, percebe-se como o direito à linguagem é uma proposta do jornal, que se aproxima de várias outras publicações destinadas a esse público no Ocidente, bem como no Oriente, pois o texto faz menção à China.⁶³ O jornalista acrescenta que *Lampião* está cumprindo o seu papel “na onda de liberalização” vivida no Brasil.

Considerações finais

Estamos diante dos contornos de como foi gestado no Brasil um dispositivo desejoso de colocar a sexualidade homossexual na esfera do público, retirando-a do privado. Estamos diante de um grito de liberdade caracterizado pelo “sim, eu sou”, e de um discurso do passado – como já disse ainda atual – percorrendo as subjetividades gays.

A leitura aqui operada da emergência do imperativo de se assumir homossexual, destaque, baseia-se em uma história cultural que privilegia o entendimento do mundo por meio dos discursos e da relação entre eles. Trata-se de um artigo preocupado com a força das palavras, suas relações, ranhuras e condições de emergência. Assim, a história cultural da qual me ocupo se relaciona ao modo como Michel Foucault procurou pensar o campo historiográfico, desnaturalizando práticas do presente, por meio de uma abordagem arqueogenealógica, ou seja, atenta às relações entre enunciados e as relações de poder que os engendram.

Apesar do estranhamento operado sobre a questão do assumir-se, registro que compreendo a sua importância histórica, sobretudo como estratégia de elaboração de um discurso identificador, visando, sem dúvida, à constituição do movimento homossexual

⁶³ Trecho em que menciona a China: “há outros jornais como o nosso sendo consumidos não apenas no Ocidente, e não é à toa que, em plena onda de liberalização na China, um jornalista ocidental tenha lido num dazibão, um dos jornais murais que atualmente enfeitam os muros de Pequim, a seguinte frase: ‘O que pretendemos é obter o direito de praticar sexo com quem, quando e como quisermos’”. Ibidem, p. 108.

brasileiro. E foi em torno desse objetivo que o *Lampião* figurou e continua a figurar como fonte decisiva para aqueles preocupados em compreender as questões do movimento e da luta homossexual no Brasil.

Não foi meu objetivo, em momento algum, repudiar a campanha em torno do assumir-se, promovida pelo jornal, nem no modo como hoje ela ainda é concebida. Estou preocupado em mostrar que o assumir não é só uma palavra, mas funcionou e funciona como categoria estruturante e um dispositivo que moveu e move as subjetividades de muitos homossexuais em todo o país, principalmente por se sentirem pressionados a afirmar sua sexualidade. O assumir-se é um acontecimento histórico, sua emergência é datada em um espaço e tempo. É, portanto, uma construção que atende a determinados objetivos.

Que este texto possa mostrar o papel decisivo do dispositivo de assumir e evidenciar que a confissão das homossexualidades tem uma história, ou seja, surge em determinado momento, é uma construção que foi bem moldada e ainda hoje perdura na nossa sociedade.

Recebido em 12 de junho de 2021
Aceito em 25 de agosto de 2021